



IGREJAS METODISTA E PRESBITERIANA

ANO XCIII - Nº 938 - MARÇO | 2013 - €1,5



A Igreja hoje

Multiculturalismo | Cristianismos para o séc. XXI

índice

Editorial	3
Tertuliano	4
Uma Igreja de muitas culturas	6
As vivências multiculturais na Igreja	8
500 anos depois	10
Festa dos Povos	11
Ser Igreja hoje	12
Cristianismos para o séc. XXI	14
Jesus Cristo por ou contra cultura?	16
A exclusão da Mulher	18
Notícias do Oikoumene	20
Fome e Vergonha	22
Notícias	
Igreja Metodista e Presbiteriana	23
Circuitos de Porto e Braga	27
Região Protestante do Centro	28
Região Protestante do Sul	31
Programas RTP / RDP 2013	32

Nota Redatorial

Não tem sido fácil manter a regularidade na edição do PE, conforme era o nosso desejo, e a vontade de todos vós, leitores.

O presente número, subordinado ao tema “A Igreja hoje”, visa refletir a missão do Corpo de Cristo numa sociedade e cultura em profunda mudança. Da revolução tecnológica à migração dos povos, os desafios são múltiplos mas, ao mesmo tempo, aliciantes.

Neste número revisitaremos as principais atividades de 2012, de forma a registarmos momentos e pessoas marcantes na história das Igrejas Metodista e Presbiteriana.

A equipa redatorial do PE congratula-se com os seus leitores e com a paciência que têm vindo a ter com os sucessivos atrasos na edição.

Entidade proprietária: Igreja Evangélica Metodista Portuguesa • Directora: Estela Pinto Ribeiro Lamas
Sede da Redacção: Igreja Metodista, Praça Coronel Pacheco 23, 4050-453 Porto • Tel. 222007410 • Fax 22086961
Tiragem: 750 exemplares • Periodicidade: Quadrimestral • Registo no I.C.S. n.º 101560/74 • ISSN 1646-5482 • Depósito Legal n.º 201/84 • Nº contribuinte: 592004244
Execução Gráfica: Officina Digital, Lda - Zona Industrial de Taboeira, Lote 15 - 3801-101 Aveiro - Tel. 234 308 697 - E mail: geral@officinadigital.eu
Gráficos: Fernando Paulo e Eduardo Conde • Equipa redatorial: Estela Lamas, Eduardo Conde, Maria Eduarda e José Manuel.
Colaboraram ainda neste número: Ireneu da Silva Cunha, Eva Michel, Paulo Mendes, Teresa Toldy, Miriam Agostinho, Estela Lamas, Helena Vilaça, Robert Butterfield, Isaac Magalhães e Jorge Felício.

A equipa redatorial é responsável pela selecção do material enviado pelos leitores, mediante critérios associados à identidade das duas instituições.
O conteúdo dos artigos publicados e assinados é da responsabilidade dos seus autores. Os artigos não assinados são da responsabilidade da equipa redatorial.
O conteúdo do Portugal Evangélico pode ser reproduzido desde que citando a origem.

Assinatura individual nacional: 4,50 euros | Assinatura individual internacional: 9,00 euros | Assinatura benemérito: a partir de 12,00 euros

Editorial



Querer ser igreja

- *é deixar que Jesus viva em nós*
- *é ser fermento e alegria, no acolhimento da Palavra*

Falar de igreja é falar da chamada que, ao longo dos séculos, o ser humano tem sentido, ao acolher a Palavra de Cristo – a chamada para deixar os caminhos deste mundo e seguir Cristo. *Seguir Cristo é fazer a opção pelo Caminho, pela Verdade, pela Vida!*

Foi isso que fez Orígenes “um espírito livre e independente (...) uma grande testemunha de Cristo (...) pioneiro de pistas futuras”. É convidando-nos a uma viagem ao passado, que o Bispo Emérito Ireneu Cunha, nos leva a descobrir esta figura, a figura de um ser humano que escutou a Palavra, seguiu o *caminho*, desvelou a verdade e se deixou transformar, transformando outros na e pela proposta de “pistas de reflexão ainda hoje em aberto”.

De um momento vivido no presente, a Pastora Eva Michel releva o encontro de culturas diversas, de formas diferentes de estar na vida e de se relacionar e, de seguida, conduz-nos ao passado, ao tempo de Paulo, convidando-nos “a encontrarmos uma comunidade em que as pessoas vivem em comunhão plena, independentemente da sua origem, da sua posição social, da sua cultura”; da vivência que nos proporciona emerge, para nós cristãos e cristãs do século XXI, a certeza de nos podermos congregar numa nova identidade, experimentando uma “vivência culturo-inter-étnica”. Só assim, nesta nova identidade, poderemos, como afirma o Pastor Paulo Mendes, ser, hoje, “portadores do Reino de Deus (...) viver o multiculturalismo, nunca como uma justaposição de culturas e de guetos mas sempre como uma partilha sem qualquer separação”. E, se falamos, em viver o multiculturalismo sem separação, temos de ousar afirmar com a Teóloga Teresa Toldy: “A maior dor, neste momento, para muitos cristãos, será o não avanço do diálogo ecuménico: disso, sim, teremos de nos arrepender”.

Querer ser igreja é querer experienciar a vida em Cristo e por Cristo! Querer ser igreja é querer congregar-se, é querer existir solidariamente, é querer tecer redes orgânicas e solidárias. Foi isso que aconteceu na *feira dos povos* de que nos fala

a Pastora Miriam Agostinho: “(a) transformação dos 400 participantes de diferentes proveniências (...) numa nova aliança (...) gerada por Deus”. A transformação que aconteceu porque “Jesus brotou dos corações, vivificando e unindo a todos na Sua Paz, como um Rio!” Estamos perante *uma igreja de todos e de ninguém* – experiências vivenciadas intensamente em Moçambique, partilhadas pelo Padre José Luzia e por dois missionários leigos – Isaías e Mónica. O convite à leitura deste livro, da autoria do Padre Luzia, está presente nestas suas palavras: “A essência da Igreja como comunidade de comunidades (...) ser fermento e alegria (...) espírito de partilha e de serviço gratuito (...) a vida ao serviço dos outros (...) acolhimento da Palavra.” Falando dos Cristianismos para o séc. XXI, a Socióloga Helena Vilaça deixa uma nota de esperança, alertando-nos para a existência de “novas igrejas livres (...) ensaios de formas criativas de ser igreja (...) adaptando-se aos desafios da comunidade envolvente (...) (n)um profundo espírito de missão”.

Do todo deste número do *Portugal Evangélico*, fica a ideia da necessidade de crescermos numa relação mútua, de dar e de receber, de ensinar e de aprender, de nos corrigirmos, de partilharmos, na e pela prática da pedagogia do Mestre dos mestres, que está bem patente nos Evangelhos, e a que Pedro e Paulo, seus imitadores, deram continuidade ... Eles evidenciaram os princípios norteadores que nos devem guiar, sempre tendo em mente o outro, a outra:

- a consideração da unicidade de cada sujeito,
- a admoestação positiva que leva, pelo desafio e pelo confronto,
- o crescimento do ser,
- o encorajamento na e pela proximidade, no e pelo companheirismo (fazendo caminho),
- as boas obras que, mais do que as palavras, 'mostram' o caminho a seguir.

Que Cristo viva em nós e nos e nos leve a ser igreja neste mundo conturbado em que vivemos!

Orígenes

de Alexandria (185 - 254)

Há menos de uma década, o mundo da cultura foi surpreendido por uma “ressurreição”! Em Alexandria, a bela cidade mediterrânica, fora inaugurada uma moderna e grandiosa universidade, honrando a antiquíssima tradição cultural da cidade edificada por Alexandre Magno. O moderno edifício e as suas imensas potencialidades, em linha com o presente e preparando o futuro, verdadeiramente nos transportam em espírito para a instituição congénere que, edificada pelos Ptolomeu em 295 a.C. e, depois de várias vicissitudes, finalmente destruída pelo califa Omar, no séc. VII A.D., foi o maior centro cultural da antiguidade pré e post cristã, superando mesmo, nesse aspecto, Atenas e Roma. Nessa cidade regista a tradição ter S. Marcos fundado uma igreja cristã que os actuais coptas, os cristãos do Egipto, afirmam estar na origem da sua Igreja. A famosa Biblioteca de Alexandria chegou a conter 700.000 manuscritos em papiro! Este tesouro, encerrava toda a sabedoria da antiguidade foi sendo, infelizmente, delapidada por sucessivas pilhagens e incêndios dos invasores, culminando com a bárbara destruição final, ordenada pelo califa Omar que, quando questionado por um general sobre o que fazer dos manuscritos, deu uma resposta que ficou célebre: “Se o seu conteúdo estiver de acordo com o livro de Alá, podemos passar sem eles, porque o livro de Alá é mais do que suficiente; se, por outro lado eles contêm ideias que não estão de acordo com o livro de Alá, não há necessidade de os preservar. Então, vai em frente e destrua-os!”

Nesta cidade de elevado nível cultural, onde conviviam “muitas e variadas gentes”, línguas, culturas e religiões, do Oriente e do Ocidente, predominava contudo a influência grega, pois o helenismo, expressão, dessa cultura, tinha sido difundido e tinha-se implantado por todo o vasto Império de Alexandre. Nesse extraordinário ambiente multicultural nasceu, em 185 AD., no seio de uma consagrada família cristã, um menino, a quem foi dado o nome de Orígenes. Educado por seu pai, Leónidas, - (que veio a ser martirizado durante a perseguição movida por Septimo Severo), - e por bons mestres cristãos, cedo revelou a sua precoce inteligência e pendor para as divinas letras. Formou-se na famosa Escola Catequética, que fora fundada para reeducar os pagãos cultos e os filósofos que, abandonando o Paganismo se iam convertendo ao Cristianismo. Servia também para formar os futuros ministros da Igreja. Nesta mesma Escola veio Orígenes a ser nomeado director, com apenas 18 anos(!), tal era já a sua qualificação, e ali encontrou o ambiente e os meios para se tornar o “mais ilustre mestre cristão da Antiguidade”, segundo Bossuet, e um dos maiores de sempre. Ainda hoje nos espanta a vastidão do seu saber e a profusão da sua produção literária teológica. Profundo conhecedor das Sagradas Escrituras e da Teologia, e profundamente influenciado pela filosofia de Platão e pelo Neoplatonismo de Plotino, de quem fora discípulo, escreveu dezenas de Comentários sobre quase todos os livros bíblicos; obras de Apologética, defendendo e advogando a doutrina cristã contra os ataques dos filósofos pagãos; centenas de Homilias doutrinárias e muitas outras obras, entre as quais se tornou mais conhecida a sua famosa Hexapla (Sêxtupla), uma edição da Bíblia em seis colunas paralelas, colocando lado a lado as versões hebraicas e gregas mais prestigiadas, para que fosse possível um estudo exegético que apurasse qual o texto mais fidedigno, pois tinha uma preocupação obsessiva por encontrar aquilo que os eruditos hoje classificam como as “ipssissima verba”



(mesmíssimas palavras) do Senhor. Chegou a ter ao seu dispor sete estenógrafos e sete redactores, que anotavam tudo o que ia dizendo nas suas aulas, e a contar com mais de 500 alunos! Em qualquer época os mestres cristãos devem obrigatoriamente conhecer o pensamento dominante no seu tempo, para melhor poderem dialogar com a cultura, rebater os opositores e prepararem os cristãos para “darem a razão sua sua fé”, como exortou S. Pedro. Para isso Orígenes criou um novo método de interpretação da Bíblia, uma tripla leitura das Escrituras, a primeira a nível literal, a segunda a nível moral e depois a leitura “espiritual”, que utilizava o método alegórico e facilitava uma compreensão unitária entre o Antigo e o Novo Testamentos. Esse método ajudou os pregadores, num tal ambiente, a descortinar na letra das Escrituras, mesmo em textos menos claros ou mais criticados pelos pagãos, sentidos ocultos e profundos, que harmonizavam os exemplos do Antigo Testamento com o ensino cristão através do seu uso tipológico e simbólico. Exemplos: uma leitura cristã do Cântico dos Cânticos e o uso de grandes personagens, acontecimentos e símbolos da antiga dispensação como “tipos” de Cristo. Uma tal leitura ainda hoje prevalece em certos meios cristãos e é por eles considerada muito “espiritual”. Ela pode ser

já detectada em certos textos do Novo Testamento, por exemplo na Epístola aos Hebreus, onde não se pode negar alguma influência do pensamento helenístico no uso figurado do Antigo Testamento para demonstrar a Superioridade de Cristo sobre todo o sistema judaico.

Muito importante foi também a refutação que Orígenes fez do ataque do famoso filósofo pagão Celso contra o Cristianismo, obra que este intitulou “Discurso Verdadeiro”. A refutação de Orígenes, “Contra Celso”, foi muitos anos mais tarde considerada por S. Jerónimo como obra na qual se pode encontrar tudo o que é necessário para confrontar todas as objecções à religião cristã.

Orígenes teve, desde a sua mocidade, marcada pela morte do pai as mãos dos perseguidores, uma certa aspiração à consagração pelo martírio. Com apenas 17 anos escreveu ao pai, quando este estava para ser supliciado: “Sê bem firme ... e não tenhas cuidado de nós! o Senhor cuidará de nós, e seremos felizes por termos um pai mártir!” Nessa idade denunciou-se a si próprio como cristão, e só a astúcia da sua mãe, escondendo-lhe as roupas, o impediu de se entregar e ser preso. Veio a falecer aos 70 anos, em Cesaréia, em 254 A.D., poucos anos depois como consequência de ter sido torturado durante a sétima perseguição aos cristãos, promovida por Decio. Ali ficou sepultado numa igreja chamada de Santo Sepulcro.

Em Cesareia, na Palestina, para onde se refugiara da hostilidade do seu bispo, Demétrio, que não aceitava algumas das suas ideias e muito menos a sua grande influência e prestígio em toda a Igreja Oriental, Orígenes fundou uma Escola de Teologia à semelhança da de Alexandria. Nessa escola leccionou ainda durante bastantes anos e serviu a Igreja de variadíssimas maneiras. Algumas das suas opiniões doutrinárias reflectem sem dúvida o ambiente cultural em que se formou e viveu, mas essas opiniões, que ele sempre propôs apenas como tais e não como doutrina aprovada, são desculpáveis devido ao facto de no seu tempo ainda não estarem definidas com clareza certas doutrinas, e ser grande a pressão dos adversários do Cristianismo. Orígenes foi um espírito livre e independente, muito à frente do seu tempo, tendo proposto pistas de reflexão ainda hoje em aberto. Algumas das suas opiniões, depois desenvolvidas pelos seus seguidores, chegaram mesmo a ser condenadas num Concílio bastante posterior à sua morte. Não atingiu o martírio no sentido hagiológico do termo mas, no sentido etimológico, no grego, do qual ele tanto gostava, foi uma grande testemunha de Cristo, sempre pronto para enfrentar os que no seu tempo atacavam a Fé, e pioneiro de pistas futuras ainda não totalmente resolvidas.

Ireneu Cunha



Uma igreja de **muitas**

O quê? – interpelou-me, atónito, um rapaz à mesa do pequeno almoço, num inesquecível encontro de jovens – tu pões manteiga e doce no teu pão??? – Raramente vi uma cara tão surpreendida, chocada, quase ofendida. No diálogo que se seguiu, percebi: o que, para mim, era o mais natural do mundo, para ele era coisa muito estranha, demasiado estranha mesmo; no fundo, intolerável.

Segundos depois, uma gargalhada desfez o embaraço do momento, continuámos pacificamente a refeição, cada um à sua maneira, crescemos na amizade.

Eu percebi: é destas surpresas – às vezes pequenas e insignificantes, outras vezes grandes e de peso – que é feita a vida, sempre que se encontram pessoas marcadas por culturas diferentes.

Culturas: abundam as definições desta palavra. Para mim, no fundo, a cultura é o que faz de mim quem sou, como olho o mundo e as pessoas à

minha volta, como ajo e interajo. Coisas tão básicas como estas: o que comemos, e a que horas, o que vestimos (embora, quanto a isto, as diferenças estão a esbater-se), a música que ouvimos e que cantamos, as histórias que contamos aos mais novos, o que lemos e que programas vemos. A(s) língua(s) em que pensamos, sonhamos e nos exprimimos. Mas também os nossos grandes sonhos e utopias, os nossos valores e convicções mais profundas, a maneira como exprimimos a nossa alegria e como vivemos a doença, a dor e o luto. Fala-se de cultura urbana e de cultura rural, da cultura popular e da cultura dita “erudita”, das culturas que caracterizam os diversos povos da terra.

Neste sentido, numa igreja que se estende pelo globo, é natural que existam, desde sempre, múltiplas e diversas culturas. Na sede do Conselho Ecuménico das Igrejas (CEI), em Genebra, vi, há anos, uma linda



culturas

tapeçaria a mostrar numerosas igrejas espalhadas num mapa do mundo, uma mais bela e original que a outra: desde a tradicional catedral gótica europeia até uma igreja feita de gelo, nas regiões polares, cada uma refletindo a cultura da sua região. Na altura, o então secretário-geral do CEI, Philip Potter, comentava, a sorrir, que nesta obra de arte faltava o mais importante: as pessoas!

E são precisamente estas que, hoje, tornariam o quadro bem mais colorido ainda, pois, devido ao fenómeno da migração, o encontro das culturas tornou-se uma experiência quotidiana, particularmente nas grandes cidades do mundo. Hoje, dos jovens à mesa nesse memorável pequeno almoço, alguns encontram-se no Luxemburgo, outros na Bélgica, na Alemanha, na Suíça... enquanto os seus lugares nos bancos da igreja são ocupados por irmãos brasileiros, angolanos, moçambicanos, japoneses, húngaros, para nomear apenas alguns.

Como é que nós, nas nossas igrejas, reagimos face a esta nova realidade? Já nos demos conta dela? Que desafios é que constitui para nós? Em que é que enriquece a nossa comunidade? Somos capazes de dialogar, de rir, de avançar, quando nos confrontamos com as pequenas ou grandes diferenças e mal-entendidos? Como é que nos sentimos: nós, os que fazemos parte da comunidade “desde sempre” e nós, os que vieram mais recentemente? (ou estaremos ainda a pensar em categorias de “nós” e “eles”???)

Na carta de Paulo aos Gálatas, encontramos uma comunidade em que as pessoas vivem em comunhão plena, independentemente da sua origem, da sua posição social, da sua cultura. Escreve Paulo: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus”. (Gal 3, 28). É esta nova identidade em Cristo que torna possível aceitar cada um e cada uma apreciando a diversidade cultural e a diversidade de experiências de vida e de fé, em vez de percebê-las como um “problema”.

Encoraja-nos também a experiência dos primeiros cristãos, no dia de Pentecostes e em tantos outros dias depois, que o Espírito de Deus torna possível a compreensão (Atos 2,6 ss).

E interpela-nos o testemunho que se estende das primeiras às últimas páginas da Bíblia: a proteção do estrangeiro contra qualquer exploração é uma preocupação repetida nas leis da Aliança (Ex 20, 10; Lev 19,33s; Dt 10,18), sendo a justificação sempre a mesma: não te esqueças, também tu já foste estrangeiro no Egito. Portanto: tratarás o estrangeiro como um dos teus compatriotas e amá-lo-ás como a ti mesmo, pois Deus ama-o!

Numa visão, o profeta Isaías (2,1-5) vislumbra os povos dos quatro cantos do mundo a subirem juntos o monte do Senhor. Com palavras semelhantes, o livro do Apocalipse (7,9) descreve os últimos tempos: “uma multidão de todas as nações, tribos, povos e línguas (...) diante do trono e perante o cordeiro.”

Lemos este desafio e estas visões numa época em que, em muitas sociedades da Europa e também aqui entre nós, estão a ganhar poder assustador vozes xenófobas que apregoam o ódio contra todos os que são considerados “diferentes”. Vozes que assustadoramente reavivam outras, julgadas ultrapassadas há muito por já uma vez terem levado o continente à barbárie, no tempo da II Guerra Mundial.

“Escolhe hoje a quem queres seguir!” – a escolha é nossa, de cada um e de cada igreja. E ela é urgente.

Eva Michel



As vivências

Foi dito que o assassino norueguês que matou recentemente cerca de 70 pessoas, fê-lo na intenção de preservar a sociedade do seu país do perigo do multiculturalismo. A sua intenção levou-o à prisão perpétua.

É certo que se ouve dizer, não só em Portugal mas por toda a Europa, que há perigos nas vivências multiculturais. Existem, certamente, pois em todas as situações humanas nos confrontamos com elas, até na Igreja: **O conflito do Bem e do Mal ainda não cessou, por isso nunca estamos ao abrigo da intolerância, do racismo, da xenofobia** e mais ainda dos preconceitos funestos que impedem a muitos de respeitarem precisamente as diferenças culturais assim como se permitem de não suportar as diferenças sexuais ou tomam atitudes importunas para com seus colaboradores e colaboradoras nas esferas do trabalho e da administração. Tudo isso são formas múltiplas e torturantes do terrorismo!

Apesar dessas manifestações aflitivas e constantes, o Reino de Deus já está a manifestar-se no nosso mundo tanto na Igreja como fora dela para instaurar uma existência mais serena e protetora à semelhança do *grão de mostarda da parábola de Jesus protegendo os passarinhos*. Quando dizemos Igreja, referimo-nos a todos os seus membros, não só quando vão ao Culto, mas principalmente quando no seu dia a dia fora da igreja são portadores do Reino de Deus! É por isso mesmo e por causa desse conflito que, como cristãos, **precisamos e devemos viver o multiculturalismo, nunca como uma justaposição de culturas e de guetos mas sempre como uma partilha sem qualquer separação, segundo o mandato apostólico: *Em Cristo não há mais autóctones e estrangeiros pois estão todos unidos com Ele***. É assim que o multiculturalismo pode tomar formas abençoadas fomentadoras de alegria.

Independentemente da atitude monstruosa e fanática daquele militante dum partido nazi, **não duvidamos que ainda haja muitas pessoas de grande abertura de espírito, talvez até com algum conhecimento do Evangelho de Cristo que temam de viver experiências multiculturais**: São pessoas mal esclarecidas que deixam que o medo e a desconfiança os façam temer uma abertura ao outro que é diferente. O medo não tem cabimento onde é proclamado o amor universal que o Salvador do mundo concede a toda a humanidade e do qual nós, cristãos, sobretudo adeptos da Reforma, devemos estar impregnados.

É sem medo que devemos buscar vivências multiculturais, que serão benéficas para o crescimento da Igreja de Cristo.

Estas vivências de multiculturalidade podem passar pela arte: Vivência culturo-escultural – Olhemos as imagens sem a leitura protestante-crítica e busquemos o sentimento do escultor. A vivência cultural dos frescos murais – quem sabe a austeridade dos nossos templos possa ser rompida com pinturas que nos possam inspirar à meditação e oração. A vivência culturo-musical, teatral e cinematográfica – somos uma cultura da imagem e do som, não tenhamos medo de abrir as nossas comunidades a estas formas de comunicação. Podem passar pelo relacionamento com o chamado mundo laico: não tenhamos medo do debate com filósofos e pensadores que não pertencem à nossa fé.

Mas sobretudo hoje em dia é importante que as igrejas estejam abertas à **vivência culturo-étnica**. A Europa recebe outros povos, outras culturas, outras religiões. Como vai a Igreja reagir?

Começo por lembrar que em 1988 foi promulgada no Canadá, a Carta Constitucional dos Direitos e Liberdades, só com o efeito de proteger os países dispostos a receberem emigrantes oriundos



multiculturais na Igreja

do mundo inteiro. Foi uma lei que introduziu nos dicionários a palavra **multiculturalismo** para ser atribuída aos que emigram: os que saem e os que entram nos diversos países, como no nosso. Na Enciclopédia Larousse de 1985 os termos multiculturalismo ou multiculturalidade ainda eram desconhecidos. Contudo, provêm de termos latinos que se traduzem por *culto e cultura* e têm a mesma raiz etimológica no hebraico em que foi escrita a Bíblia pela primeira vez. Por isso podemos afirmar que fazemos cultura quando celebramos o culto cristão, porque estamos a ser cultivados como se cultiva a terra dura do nosso coração recebendo *a semente da Palavra* que nos dá sabedoria e boa vontade, da mesma maneira que estamos praticando um culto de louvor a Deus quando admiramos uma exposição de pinturas para receber delas instrução e sensações agradáveis. Foi preciso que o teólogo Tillich vivesse em frente do Bauhauss (Instituto das Belas Artes) em Dessau, na Alemanha, para ser o primeiro a lançar a sua Teologia da Cultura.

A Igreja de Cristo, católica de essência e evangélica de vida, não estava à espera daquela bela iniciativa canadiana para praticar a solidariedade-caridade-amor-acolhimento que nosso Senhor exige que tenhamos para com todos, sejam quais forem as suas origens e seus credos filosóficos, religiosos ou políticos. O nosso discipulado tem que passar por um abrir de braços decidido aos emigrantes, ao outro que é diferente, fazendo-lhes o convite para a Festa do Reino de Deus.

Que venham eles com os seus hábitos e a sua música para dançarmos e louvarmos *com ações de graças*, como manda o Apóstolo.

Nunca podemos esquecer que nós somos indígenas mesclados. A nossa cultura é uma miscelânea de culturas: lusitana, céltica, grega, fenícia, visigótica, marroquina, judaica, romana. Com

os descobrimentos gravámos na nossa matriz sons, costumes, sabores, cores, ideias africanas, indianas, chinesas, timorenses, brasileiras, gronelandesas e até japonesas, sem esquecer as galegas e as castelhanas.

Afinal, quem somos nós, portugueses? Será que nos esquecemos que nos tornámos “cidadãos do mundo” e crioulos desde as Descobertas de *novos mundos dados ao velho*? Então, não digam mais que vos custa compartilhar das festas, usos e outros costumes, dos nossos vizinhos angolanos ou cabo-verdianos e agora chineses e ucranianos, se nos convidarem a estarmos com eles. - Não esqueçamos tampouco o Povo Cigano, que Portugal se orgulha em ser a primeira nação a acolhê-los. Têm na Hungria uma rica cultura musical e teatral. Senti-me feliz e abençoado quando recebi à minha mesa ciganos cristãos, tendo sido eles quem prepararam a refeição que depois partilhámos. - Portugal é um mosaico de culturas e povos, e **como bons protestantes que somos, vamos já convidá-los para as nossas igrejas e até para nossas casas no respeito escrupuloso das suas convicções e costumes.** Não fazê-lo seria tornarmo-nos ridículos face à nossa épica História e estultos face a Cristo. E, de qualquer forma, temos de nos conformar amavelmente às regras da etiqueta próprias a cada cultura ou a cada grupo étnico e mesmo religioso.

Por tudo isto, **estas vivências multiculturais, não põem de modo algum em perigo a nossa sociedade e ainda menos a Igreja.** Tenhamos esperança, não temamos a multiculturalidade, abracemos a diferença! Pois, como diz o Salmo, que é palavra divina: *Ainda que um exército me cerque, não terei medo nenhum porque é o Senhor que defende a minha vida.*

Paulo Mendes

500 anos depois...



De acordo com notícias do jornal on-line “Página1”¹, pertencente ao grupo da Rádio Renascença, o Cardeal Kurt Koch, responsável da Igreja Católica pelo diálogo ecuménico, considera que o aniversário dos 500 anos da Reforma “não é uma razão para festejar” e “apela antes por um memorial”. Embora as comemorações sejam de iniciativa da Igreja Luterana, haverá representantes católicos convidados, ao que parece. Acrescenta o jornal mencionado: “por uma questão de ecumenismo”. Mas o Cardeal Koch considera que, em vez de se festejar, o evento deveria ser “uma oportunidade para reconhecer erros de parte a parte”. Embora reconhecendo que as suas afirmações “poderiam ser vistas como anti-ecuménicas”, o Cardeal Koch considera que “não podemos festejar um pecado”, referindo-se, segundo o jornal Página 1, ao “pecado da separação”. O Cardeal considera que “deveria haver um evento durante o qual os representantes de ambas as partes pudessem reconhecer e perdoar mutuamente os erros cometidos”. A notícia termina com o seguinte parágrafo: “No dia 31 de Outubro de 1517, Martinho Lutero pregou as suas 95 teses à porta de uma Igreja, um evento que é considerado como tendo dado origem à reforma protestante na Europa Central.” Palavras mais do que escassas para explicar em que consistiu a intuição de Lutero!...

Esta notícia apareceu no preciso momento em que me dispunha a escrever este texto, pelo que ser-me-ia artificial não me referir a ela. Sobretudo, porque acredito que, sendo a separação entre os cristãos um escândalo e uma dor, uma conceção ecuménica da Igreja, centrada no facto de todos sermos irmãs e irmãos em Jesus Cristo, poderá constituir uma forma de olhar para todas as Igrejas (e insisto em dizer “Igrejas”) como cores de um único arco-íris. A maior dor, neste momento, para muitos cristãos, será o não avanço do diálogo ecuménico: disso, sim, teremos todos de nos arrepender. Mas, enquanto católica, sinto-me enriquecida pelas irmãs e pelos irmãos protestantes, herdeiros do rasgo teológico e espiritual de um Martinho Lutero que considerava necessário, em tempo de comércio de indulgências, acentuar que só a fé nos salva, e não as obras, isto é, que não são atos exteriores (inclusivamente os de eventual piedade puramente ritual), mas sem um coração entregue a Deus, que nos salvarão. E que a fé haverá de ser o fundamento para um agir cristão renovador do mundo. Assim como lhe devemos – todos, protestantes e católicos – a sua afirmação de que só a Escritura constitui o fundamento da tradição, pois toda a tradição constitui um serviço prestado à transmissão do essencial da nossa história de fé. Por isso, acredito que também temos todos matéria para festejar.

¹ Jornal “Página 1”, edição do dia 25 de Junho de 2012, in: <http://mediaserver.rtr.pt/rtr/others/428874089ac3c5.pdf>

Teresa Toldy

feira dos povos

Moura, 10 de Junho de 2012



Moura, em pleno Alentejo, transformou-se no passado dia 10 de Junho numa Cidade de Paz. O Jardim junto ao Castelo, sobranceiro à planície e ao Alqueva ficou pequeno para receber visitantes de 10 nacionalidades, vindos desde Lisboa ao Algarve passando por várias localidades alentejanas, juntamente com os seus pastores e padres, grupos corais e de animação cultural, numa maravilhosa Festa dos Povos organizada pelo CLAII (Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes) de que participam a Câmara Municipal, a COMOIPREL (Cooperativa Mourense de Interesse Público de Responsabilidade Limitada) e o ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural).

Nesta terra quente dotada de água que brota do alto da colina e dá vida, "A Paz como Um Rio!" - tema da Celebração Inter-religiosa, foi o fio condutor da transformação dos 400 participantes de

diferentes proveniências, desconhecidos à partida uns dos outros, numa nova aliança de "irmãos" numa multiplicidade de famílias, povos, culturas e espiritualidades, como a gerada por Deus junto ao poço do Juramento, em Bersheba, em Sicar da Samaria, ou pelo rio que corre da Jerusalém futura.

A Igreja Presbiteriana de Moura, convidada a presidir à Celebração Inter-religiosa agregou outras confissões cristãs com representações das igrejas locais: a Igreja Católica e o seu Grupo (coral) de Jovens, a Igreja Adventista, Baptista e Assembleia de Deus. Estiveram ainda as igrejas Metodista de Lisboa, com o seu coro, e da Moita; as igrejas Presbiterianas de Algés e Setúbal; a Igreja Lusitana - P. Barros Banza; a Paróquia Católica do Prior Velho, com o coro "Voz da Esperança"; e a presença ortodoxa dos coros ucraniano e romeno, os Doina. Seguiu-se um almoço para os participantes, "comidas do mundo", e uma tarde cultural de música e danças.

Por um dia, Moura transformou-se no "centro do mundo", numa "pequena vila de Belém" onde Jesus brotou dos corações, vivificando e unindo a todos na Sua Paz, como um Rio!

Miriam Agostinho





UMA IGREJA DE TODOS E DE ALGUÉM

A identidade ministerial
do Povo de Deus

de **Pe. José Luzia**

Parte da receita
deste livro destina-se
ao financiamento
da sua edição
para Moçambique.



Luzia, J. (2012).
Uma Igreja de todos e de alguém.
Águeda: Paulinas Editora.



ser igreja,

Mais do que recensar a obra que está em causa – *Uma Igreja de todos e de alguém*, visa este artigo apresentar vivências actuais e diversas – *modos de ser e viver em Igreja* (p.6), acompanhadas de reflexões a várias vozes.

Este livro é o testemunho de uma longa caminhada. Logo, nas palavras preliminares, José Luzia informa o leitor de que, se bem que a primeira parte do seu livro resulte de um trabalho académico, de cariz teológico e científico, ele é na sua essência o relato de uma experiência que adjectiva de *maravilhosa e que identifica como sendo o seu percurso de homem e padre, sobretudo no tempo africano* (vivido em Moçambique) (p.12). Complementam esse relato, dois testemunhos de missionários leigos – o de Isafas e o de Mónica, dois jovens, que partiram para Moçambique, numa época difícil (décadas de 80 e 90); são, pois, mais dois percursos de vida em evidência que constituem a segunda parte do livro (pp.149-201).

A estes três percursos, juntam-se ao longo do livro, outros com os quais, Zé Luzia, Isafas e Mónica se cruzaram. Junta-se, em certa medida, no acto da leitura, o meu percurso de vida, na medida em que o cariz das vivências presentificadas, o espaço e a cultura, me levaram a mim, a revisitar momentos da minha vida ... viajei no tempo, revisei a estação missionária em que nasci, em Moçambique, *o modo de ser e viver em Igreja* do meu pai, da minha mãe, de cada um e cada uma que integrava a comunidade a que pertencíamos. O forte sentido ecuménico que se foi construindo ao longo da minha vida, no entrelaçar de vivências variadas, em comunidades cristãs diversificadas.

Mais do que a apresentação de um fenómeno em curso – a metamorfose que a Igreja de Cristo



hoje...

está a experimentar, voltando às raízes dos tempos primitivos –, é a sua presentificação, aqui bem patenteada, explorada, problematizada, que nos faz participantes das vivências para que remete e nos induz à tomada de consciência da transformação que (con)(in)voca.

Citando O'Meara, José Luzia refere essa transformação como uma grande *metamorfose pneumatológica nas actividades paroquiais, com a entrada de homens e mulheres (e diáconos permanentes) nos ministérios* (p.49); fala da descoberta de *uma Igreja-comunidade* (p. 167). Já não a Igreja como hierarquia, mas sim como a eficácia da comunhão e a consequência dessa comunhão. A transformação passa por abandonar a dimensão hierárquica patriarcal que teima em manter-se e por, em oposição, assumir, como venho defendendo há muito, uma dimensão comunitária matricial, na qual todos e todas, clérigos/as e leigos/as, sejam chamados/as pelo Espírito a *ser Igreja*.

A opção por uma Igreja ministerial de pequenas comunidades, atentas à evangelização do mundo, incluindo as exigências da dimensão política, baliza a prática pastoral de José Luzia (p.9). Ressalta da sua escrita teológica e cientificamente tecida, a ideia de *uma pluriministerialidade assente na espiritualidade de uma Igreja-Comunhão* (p. 59).

O título desta obra – *Uma Igreja de todos e de alguém* – funciona, pois, como um micro-texto, já que, *per se*, nos abre a mente e o coração para a(s) caminhada(s) que se vai/vão expondo e que nos mostram a Igreja no *redescobrir-se como povo de Deus*, no *mostrar-se aberta à novidade e à surpresa de Deus*, no *assumir da nova consciência que ganha de si mesma, bebida na refontalização bíblica* (pp.32,33), no reconhecer que *o NT é um viveiro de*

sugestivos e variados modelos (p.69). Incita, pois, à articulação *Palavra/praxis ...uma praxis reflexionada, dialogada, confrontada com a Palavra de Deus* (p.130).

A *essência da Igreja como comunidade de comunidades* (p. 140) é reiterada ao longo da sua escrita de José Luzia e das suas vivências; vai tomando forma e o perfil desenhado reveste-se de vários traços distintivos: (i) *ser fermento e alegria* (p. 185); (ii) *manifestar-se em espírito de partilha e de serviço gratuito* (p. 168); (iii) *dar a vida ao serviço dos outros* (p.149); (iv) *envolver-se e partilhar* não apenas o ter, mas essencialmente o ser (pp. 149, 150, 159); (v) *viver a Igreja como espaço de acolhimento da Palavra* (pp. 83, 85) e como um espaço aberto e de acolhimento ao outro (pp. 168, 198; (vi) *incitar à mudança* (pp. 31-35, 39).

Uma Igreja de todos e de alguém é o entrecruzar de (auto)biografias que nos levam a questionarmos sobre *modos de ser e viver em Igreja*. Mais do que um convite, é um desafio a (re)vermos e a (re)conceptualizarmos a forma como temos assumido e vivido a nossa cristandade.

No meu caso, em particular, os desafios sentidos na leitura deste livro foram muitos e profundos. Para todo/a aquele/a que vier a ler *Uma Igreja de todos e de alguém*, a particularidade surgirá no acto da leitura cada um/uma de nós é um sujeito com uma identidade própria, única, irrepetível; na leitura do mundo ou na leitura de um texto, cada sujeito reage de uma forma própria, exclusiva da sua forma de ser e de estar no mundo ... o que importa é que, ao lermos este livro, estejamos abertos/as à mensagem que dele emerge, na essência do *ontos* – o nosso ser.

Estela Lamas



Cristianismos

A maior religião mundial do século XXI é o Cristianismo ou, em maior rigor, a dos Cristianismos, dada as suas imensas versões e tonalidades. Hoje existem cerca de dois biliões de cristãos espalhados por todo o globo.

Contudo, na Europa, vários indicadores como a identidade, a prática e a crença religiosas, por regra em decréscimo geracional, parecem apontar para uma progressiva secularização e mesmo nos EUA, apesar do vigor religioso se manter, diminui o número daqueles que se identificam com uma determinada denominação. Tanto num lugar como noutro, são os protestantes e evangélicos históricos (presbiterianos, luteranos, episcopais, metodistas) os mais penalizados.

Lembremos que a Europa tem uma herança cultural assente em três pilares: monoteísmo judaico-cristão, racionalismo grego e modelo de organização herdada do império romano. São estes os pilares remotos sobre os quais assenta aquilo que designamos como modernidade. Mais recentemente foram seus impulsionadores a Reforma Protestante, o Iluminismo, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial e o triunfo do racionalismo e do pensamento científico. Todas estas mudanças provocaram uma perda sucessiva da importância da religião na sociedade e o pensamento dominante é o de que a secularização é intrínseca ao processo de modernização.

De facto, temos tendência a ver os padrões de vida religiosa na Europa como um protótipo, como um modelo que virá a ser seguido pelo resto do mundo. Mas porque não fazer o exercício inverso e concebê-la como a exceção? Importa, por isso, questionar se a modernidade é concomitante da secularização, ou seja se aquilo que aconteceu no velho continente sucedeu igualmente noutros lugares do mundo quando entraram em processos de desenvolvimento e de modernização. Nos EUA, por exemplo, o iluminismo assentou na "liberdade para crer" – não na "liberdade de crer" como aconteceu na Europa – e atuou através da religião mais do que contra ela. O grande crescimento económico desse país coincidiu com ondas de forte avivamento religioso e de expansão missionária. O mesmo está a acontecer no Brasil ou na Coreia do Sul.

O intelectual israelita Shmuel Eisenstadt defendeu o conceito de modernidades múltiplas, indo contra as teorias clássicas da modernização, assentes na convergência das sociedades industriais e

rompendo com a ideia de que o programa cultural da modernidade, tal como se desenvolveu na Europa, iria reproduzir-se em todas as sociedades modernas ou em vias de modernização. Ele sugere que a melhor forma de se compreender o mundo é olhando para reconstituição permanente "da multiplicidade de programas culturais".

O grande problema do Cristianismo europeu é que ele próprio, por via dos seus dirigentes hierárquicos e pela cultura que se foi instalando nas igrejas adotou uma autocompreensão secularista. Dito de outro modo, usa a secularização como elemento explicativo do seu declínio e decadência. No mundo protestante, em particular, isso é agravado por um discurso em que os pastores se queixam de que não têm membros que os ajudem e por membros que acham que o Pastor não trabalha para que a sua congregação cresça (ou que, pelo menos, não continue a diminuir). Trata-se de um círculo vicioso ou de uma argumentação viciosa onde se está sempre a regressar ao ponto de origem, sem que nenhuma das partes reconheça que há uma falha lógica no raciocínio.

O que acontece é que existem duas economias religiosas na Europa lado a lado: uma de utilidade pública baseada na religião herdada e outra de mercado (ainda) incipiente. A religiosidade como utilidade pública é, segundo a socióloga britânica Grace Davie, uma "vicarious religion", uma "religião de paróquia" em que um grupo restrito de pessoas zela, produz rituais ou mesmo acredita pelos outros. É comum a ideia de que a igreja deve estar ali para quando se precisar dela. Isto aplica-se não só às igrejas de Estado como às minorias há muito estabelecidas num determinado país. É o caso dos protestantes e de alguns evangélicos clássicos em Portugal.

Ora, esse modelo de religiosidade está em vias de extinção. Contudo, até à data as igrejas históricas têm-se recusado a admitir isso e preferem continuar a reproduzir o tipo de argumentos viciados, atrás referidos, que, por sua vez originam um clima depressivo que se estende desde as reuniões da Cúria Romana até à pequena congregação protestante reduzida a cinco membros acima dos setenta anos de idade. Conclusão, o próprio Cristianismo europeu reforça o processo de secularização.

Contudo, há novos indicadores que coexistem com os da secularização. O número dos que

para o séc. XXI

são ativamente religiosos irá e está já a subir (dentro do próprio catolicismo) e as igrejas irão inevitavelmente trabalhar dentro de um modelo de mercado. Novas formas de religião emergem na Europa vindas de fora ou não. De fora vem o Islão, as religiões orientais, os cristianismos africanos, latino americanos (principalmente do Brasil) na sua versão evangélica pentecostal mas também católica (renovação carismática). De fora, vem ainda o neocalvinismo nova-iorquino, profundamente urbano e alternativo, transdenominacional patente em projetos como o "City to City". Afinal, não são só os neopentecostais que crescem!

De dentro, encontramos novas igrejas livres ou não denominacionais e ensaios de formas criativas de ser igreja dentro das igrejas tradicionais, principalmente no protestantismo mas também no catolicismo e mesmo em algumas congregações ortodoxas. O que acontece de verdadeiramente inovador situa-se a nível local, muitas das vezes com conexões globais. A tendência será a de no contexto de uma mesma denominação encontramos congregações em decadência mas outras com grande vitalidade e que não obedecem a nenhum modelo estandardizado de igreja, antes adaptando-se aos desafios da comunidade envolvente. Umam apostam no serviço comunitário, outras na cultura e na arte, ou na multiculturalidade tendo os imigrantes e os estudantes em mobilidade como principais

frequentadores. Uma coisa todas estas igrejas têm em comum: um profundo espírito de missão que mobiliza todos os crentes e a substituição da figura do pastor "ministro" pela do pastor "missionário".

Tal como sustenta o historiador Diarmaid MacCulloch, "a história do Cristianismo primitivo diz-nos que a fé cristã é, de facto, largamente diversa com muitas identidades. A história do Cristianismo tem sido um renascimento sem fim do encontro com Jesus Cristo, o filho ressurreto de Deus". Esta experiência sempre foi variável em termos geográficos, culturais e sociais. O mundo contemporâneo, global e diverso, defende e revê-se na diferença.

O sucesso da expansão da Boa Nova no primeiro século resultou do facto de cada cristão ser ao mesmo tempo um missionário. Isso fazia parte do ADN de cada convertido. A par dos apóstolos, foram também protagonistas do anúncio soldados, mercadores, marinheiros, escravos, homens e mulheres e os cristãos reuniam-se em sinagogas, casas de família, grutas, ao ar livre. Religião é, acima de tudo, comunicação. E eles sabiam comunicar. Algo semelhante aconteceu nos grandes despertares dos séculos XVIII e XIX. Algo semelhante está a acontecer no século XXI: em África, no sudoeste asiático, na América Latina. Curiosamente, até na Europa.

Helena Vilaça

Jesus Cristo por ou contra cultura

Robert A. Butterfield

Se Jesus não era de facto contra a cultura, era pelo menos tido como tal. No entanto, apesar dessa evidência, defendemos que a atitude de Jesus para com a cultura foge a qualquer fácil categorização e só pode ser adequadamente entendida à luz dos relatos da criação.

No Génesis 1:1-2:4a (do autor P), vê-se que Deus cria por meio da sua palavra. Em 1:1-25, isso é muito curioso, porque ainda não há ninguém para ouvir ou cumprir, o que produz o efeito de realçar a solidão do Criador. Deus acha bom tudo o que criou, mas fica separado da sua criação. Há uma inevitável distância entre sujeito e objeto, e o facto de Deus insistir em repetir que acha bom o que criou sugere que Deus gostaria de poder superar essa frustrante distância que o separa daquilo que ama.

Assim, ao chegarmos ao v. 1:26, onde se fala da criação do ser humano, temos todo o direito de concluir que o ser humano se apresenta como a solução divina do problema de como Deus poderia estar de qualquer modo presente na sua criação. Por meio do ser humano é que Deus pretende superar a distância que o separa da sua criação e assim aliviar a sua frustração e solidão. É com o ser humano e por meio dele que Deus conta ter o companheirismo, a intimidade e a conversa inteligente, de que, na sua imensa solidão, tanto precisa, o que vai confirmado pelo facto de Deus criar o ser humano na sua própria imagem e semelhança. Por outras palavras, Deus deseja estar tão presente como possível em nós para estar presente na sua criação. O ser humano vai até mesmo ter poder (v. 26) sobre todos os animais, o que indica que Deus confia muitíssimo no ser humano e está disposto a correr o risco associado com a partilha do seu poder. Tal partilha torna o ser humano no parceiro e amigo de Deus, ou poderíamos dizer, no segundo «eu» de Deus, e Deus acha que tudo aquilo que fez (com o ser humano) é não simplesmente bom, mas muito bom.

De tudo isto, deduz-se que Deus é poderoso mas também sozinho e que deseja intensamente escapar da sua solidão por meio de nós, o que implica numa verdadeira união de Deus com o ser humano. Deus não somente precisa de nós mas nos ama, e por isso torna-se vulnerável diante de nós, fazendo que a sua própria felicidade dependa da nossa reação e correndo o risco de nos confiar o seu poder e com isso a mordomia da criação. Assim, este primeiro

relato da criação é uma carta de amor para nós por parte de Deus e também uma proposta de parceria.

O facto de 2:4b-3:24, embora escrito muito antes de 1:1-2:4a, estar colocado logo depois, deixa supor que 2:4b-3:24 deve ser lido como dando continuidade ao primeiro relato. Nessa perspectiva, a história de Adão e Eva demonstra o que acontece quando o ser humano começa a usufruir do poder que Deus lhe deu. Adão e Eva, apresentados como representativos seres humanos de todos os tempos, fazem mau uso do seu poder, e há consenso que o ato deles é uma tentativa de se elevarem ao mesmo nível que Deus. A maioria dos intérpretes cristãos dizem que este ato leva a uma chamada queda, que deixa o ser humano não somente alienado de Deus, dos outros e de si mesmo, mas também como que preso num buraco do qual não tem hipóteses de se sair sem ajuda divina. No entanto, a interpretação judaica nunca fez tal leitura deste texto. Para os judeus, a desobediência de Adão e Eva é lamentável, mostrando o lado mau da natureza humana, mas não é assim tão fatal.

Em todo o caso, cabe notar que, quer o ato de Adão e Eva seja queda fatal ou simplesmente sintoma de uma tendência negativa a ser vigiada, nada neste relato pode desfazer ou substituir o retrato que já temos de um Deus amoroso e vulnerável, cuja felicidade depende do ser humano. E se o relato P domina, é proibido ver o Deus de Adão e Eva como legalista, punitivo ou mesquinho. O facto de o editor bíblico ter colocado o relato P à cabeça da coleção indica sem dúvida alguma que o seu retrato de um Deus amoroso, sozinho e vulnerável tem prioridade sobre qualquer outro retrato de Deus.

A examinar a história de Adão e Eva, descobre-se efetivamente que o Deus lá retratado dá muitos sinais de amor para com os seres humanos, seja antes ou depois do infeliz ato deles. Além disso, embora Adão e Eva fiquem sentindo-se alienados depois de comerem da árvore do conhecimento do bem e do mal, esta sua alienação não parece necessariamente fatal para o relacionamento com Deus, o que vai comprovado também no Génesis 4:1 onde Eva, dando à luz a Caim, afirma que em colaboração com Deus é que conseguiu um varão. Tal não poderia ser o entendimento de alguém desesperadamente alienado de Deus ou de si. Na



mesma linha de ideias, no Gén 4:6-7, Deus assegura Caim da capacidade humana de não pecar. Então, aparentemente que a nossa alienação, por mais grave que seja, é curável.

André Wénin defende que o engano de Adão e Eva é devido ao facto de terem dificuldade em acreditar que Deus não se sente superior a eles ou que a proibição por Deus imposta é bondosa ou que Deus sinceramente deseja ter com eles um relacionamento de mutualidade e reciprocidade. Fazendo assim um cálculo errado sobre Deus, nós, seres humanos, rivalizamos com Deus, em vez de retribuir o seu amor. O resultado é a nossa alienação: de Deus, dos outros e de nós mesmos.

Talvez a melhor explicação da situação humana perante Deus encontre-se no Ética de Dietrich Bonhoeffer. Na origem, o ser humano só conhece uma coisa: Deus. Esta unidade do ser humano com Deus vai fraturada, no entanto, pelo conhecimento do bem e do mal. Agora o ser humano não se conhece mais a si mesmo em Deus, mas antes na sua própria possibilidade de ser bom ou mau, o que significa que o ser humano se divorcia de Deus e, não conhecendo mais tudo em Deus, só pode conhecer o bem e o mal contra Deus.

No relato P, a criação é um processo, o que se vê no esquema temporal do texto como também na ideia da reprodução. Então, a criação vai continuando, e o Espírito de Deus promove este processo, que vai gerando cultura, língua e artes. Mas o Espírito não pode esquivar-se ao facto de todas as culturas ficarem divorciadas de Deus e contra Deus. Estas baseiam-se todas no conhecimento do bem e do mal e muitas vezes sustentam-se por reflexão sobre o bem e o mal como também sobre todos os degraus entre os dois. De facto, há culturas em que tal reflexão tem sido

levada a um altíssimo grau de seriedade intelectual e espiritual como também de eficácia social. Ao meu ver, a cultura judaica é número um mundial nessa categoria. Mas até a cultura judaica, por mais piedosa e meditativa que seja, fica ela também divorciada de Deus e contra Deus. É por isso que Jesus simplesmente recusa participar nas discussões casuísticas dos doutores da Lei (Lei=Torah oral). Isso apesar da norma fundamental da teologia rabínica: «Maldito seja quem desconhece a Lei». Nessa cultura judaica, em que o ideal supremo era julgar o mundo com base na Torah oral, Jesus nunca embarcou na casuística judaica. Como Käsemann salienta, «sim» e «não» eram para Jesus palavras definitivas. Então, o objetivo de Jesus não era reformar a sua cultura com respeito ao entendimento do bem e do mal, mas antes conduzi-la de volta ao Deus que ele conhecia: o Deus sozinho e amoroso, que busca unidade conosco.

Resumindo, Jesus não é contra a cultura em si, mas opõe-se a todas as culturas que alguma vez existiram, por estarem deturpadas pela alienação. Jesus vem superar a nossa alienação e assim inaugurar e promover aquela cultura nova em que não haverá alienação e a que chamamos o Reino de Deus.

Bibliografia

Bonhoeffer, Dietrich. *Éthique*, tr. Lore Jeanneret (*Labor et Fides*: Genève, 1969)

Käsemann, Ernst. *Jesus Cristo é Liberdade*, tr. J. Sousa Monteiro (Telos: Porto, 1968)

Tillich, Paul. *A History of Christian Thought*, ed. Carl E. Braaten (Simon and Schuster: NY, 1968)

Wénin, André. *O Homem Bíblico* (Edições Loyola: São Paulo, 2006)

a exclusão da

Segundo a concepção Heideggeriana a existência humana adquire sentido pelo imperativo estar-no-mundo, ora isso, é viver e o seu sentido é interpretar e resolver os problemas que se colocam na sua relação com os outros em quaisquer dos seus quadrantes de acção. Isto porque, a grande orientação humana é encontrar um sentido para a sua existência, e fá-lo no quotidiano por intermédio das trocas comunitárias/sociais. O que é compreensível pois o ser humano actua segundo uma lógica dual: a vivência que interage com a convivência. Daí que a posição de Gusdorf seja plenamente compreensível quando defende que conceber um ser humano isolado seja uma abstracção, na medida que existimos na reciprocidade com os outros.

É pois necessário interpretar a condição da mulher discriminada pela e na sociedade. Tornar exequível o direito à cidadania por todas as mulheres será uma aspiração concretizável ou uma utopia irrealizável? Porque a exclusão da mulher existe, torna-se equacionável uma análise fundamental. É pois necessário interpretar o tecido social para que se dê auxílio a quem dele de facto careça. Diariamente sacrificam-se e matam-se mulheres por serem portadoras duma só "culpa": o sexo feminino. A honra e o respeito devem-lhes ser concedidos, pois jamais no século XXI podemos permitir e tolerar tais atrocidades; é que viver não tem de ser sinónimo como para Dostoievski, de sofrer e chorar!

O nosso tempo para além de perpetuar os factos que originam a discriminação da mulher, trouxe também novas causas de sofrimento e exclusão. A todo o momento está presente no nosso quotidiano uma montagem duma sociedade cor-de-rosa, que não traduz de modo algum o tipo de vida na qual nos inserimos. Deve ser feita uma análise e conseqüente intervenção em torno de um dos fenómenos mais nebulosos que cada vez mais prolifera no nosso campo de quotidiano social, que tanto desprestigia os altos valores erguidos na Declaração Universal dos Direitos do Homem, é pois necessário lutar pela integridade física e moral a que todo o ser humano tem direito, mas que frequentemente a muitos, aliás, sendo mais precisa, a muitas, por serem portadoras do sexo feminino, estes direitos lhes são vedados! Urge a necessidade de uma propedêutica educacional.

É uma realidade do quotidiano universal o facto da condição de ser mulher ser sinónimo de violentação dos seus direitos enquanto pessoa humana. A exclusão da mulher é um fenómeno que foi legado à nossa sociedade, mas também por ela e em termos práticos, tem vindo a ser incrementado.

O estudo do comportamento humano é uma realidade sempre presente à condição humana, nas suas identidades pessoais e sociais. É necessário

atender ao facto que as situações de discriminação existem e são sempre complexas e heterogéneas. Não obstante os casos de discriminação terem origens diversas elas teimam em prevalecer, apesar das suas noções serem alvo de abordagens e reflexões múltiplas.

Não basta à mulher fazer parte do mundo, precisa de se consciencializar que está no mundo e questionar-se como é esse seu mundo, porque ele faz parte integrante do seu trajecto e projecto(s) de vida.

Por uma mobilização de ordem moral e ética não é admissível que no século XXI o facto de um ser humano ser portador de um determinado sexo (feminino) seja sinónimo de discriminação, sobretudo quando temos noção da quantidade de informação/legislação que existe, mas que não é de todo obedecida em termos quotidianos nas práticas de vida. Devemos lutar para que todas as mulheres desfrutem do direito de o serem.

Quer na dimensão familiar, quer no plano laboral e a todo o instante na esfera social, é possível assistir-se à progressão do problema da exclusão da condição feminina. A discriminação manifesta-se em diferentes campos e por crescentes motivos, ela decorre em várias instâncias, o que acarreta uma abordagem complexa e um conseqüente diálogo transdisciplinar entre o âmbito da moral, da ética, da ontologia, da política, do direito, da psicologia e mesmo do senso-comum.

É sobejamente conhecido que o mais nefasto que pode acontecer à condição humana é realizar as actividades a que se propõe, sem que delas não tome verdadeiramente parte, isto é, a própria condição humana é anulada quando se existe no mundo sem que nele se participe e se seja um verdadeiro sujeito activo: exige-se pois uma tomada de posição e participação.

É urgente desmistificar os preconceitos que estão vinculados às nossas sociedades no que respeita à condição feminina. É urgente realizar uma (re) educação desta condição para que na Era da Globalização se cumpram os direitos humanos. A felicidade e o bem-estar estão ao nosso alcance, é necessário olhar e assumir o que é mais sombrio mas real, para que partindo deles se faça uma reforma no âmbito da educação para a cidadania.

Compreender a condição discriminada da mulher deve ser o alcance do ser humano, pois é urgente reconstruir pela reinvenção. Serão os mais jovens os futuros agentes da mudança de mentalidade que urge, ou neles habitará o legado das gerações passadas? Devemos tornar exequíveis as sábias palavras de Miguel Torga: "Livre não sou que nem própria vida mo consente. Mas a minha aguerrida teimosia é quebrar dia a dia um grilhão da corrente."

mulher



Assim compreende-se que muitos dos projectos de intervenção comunitária, nomeadamente aqueles que promovem segundo uma tríade bio-psicossocial a inserção da mulher, fazem-nos pensar que o altruísmo não é um conceito vão. São planos traçados em diferentes campos, mas são percebidos como uma alternativa ao contexto nefasto em que a mulher se encontrava anteriormente.

O nosso espírito deve estar disponível para lutar contra as gritantes desigualdades que teimam em nascer e/ou crescer a todo o momento. A castração da liberdade individual equivale à condenação da existência humana, independentemente do facto de ser feminina, porque antes de ser portadora de género, é primeira e primordialmente uma existência humana.

Não é cabível que nas sociedades pós-modernas a exclusão feminina seja uma realidade. Atendendo ao facto que todo o ser humano é um animal social: ninguém chega a tornar-se humano se está só, pois tornamo-nos humanos uns com os outros. É o engajamento moral: a nossa humanidade foi-nos contagiada, nunca teríamos oportunidade de nos desenvolver se não estivéssemos apoiados pela proximidade dos nossos semelhantes. A questão da Cidadania é isso! Porque faz parte da nossa condição humana, e esta foi-nos passada de boca em boca, pela palavra, pelos gestos, e pelo olhar – podíamos ainda desconhecer o significado dos caracteres escritos, contudo, já líamos no olhar dos nossos agentes de socialização o significado de humanidade e cidadania.

Não seríamos de facto o que somos sem os outros, mas custa-nos ser com os outros, quando

a convivência social está repleta de injustiças e desigualdades. A máxima da nossa reflexão não deve ser redutível à nossa preocupação, mas deve também atingir os parâmetros da nossa ocupação pessoal e social. Pois é nosso dever o compromisso com o outro, nomeadamente o que é discriminado, é que a nossa compreensão do mundo flui da nossa construção enquanto pessoas dotadas de consciência moral que assim se vão fazendo, crescendo e desenvolvendo.

A moral social está patente não no isolamento, mas no assumir de posições, adoptando atitudes de compromisso: por tal a humanidade é um projecto em construção por todos quantos nela participam comprometendo-se. A questão de fundo prende-se com um só facto: cada projecto individual é já um projecto social. Desta feita o ser humano encontra o seu lugar no mundo e percebe que o para além de existir, consegue a difícil tarefa de atribuir significado e sentido à sua existência que apesar de ser única, irrepetível, está também aberta ao mundo, e é capaz de fazer opções. Neste sentido é capaz de gerir o binómio do qual foi dotado liberdade-responsabilidade, por possuir racionalidade.

Assim adquire sentido a noção de comportamento comunitário: sendo um sujeito moral, enquanto age no respeito pela sua dignidade e respeitando de igual modo a dignidade dos outros seres humanos.

Termino as minhas considerações evocando Vergílio Ferreira: é inadiável que cada Homem actue, faça, colabore com o universo e o ajude a realizar-se

Isaac Magalhães



O CARDEAL KOCH E OS 500 ANOS DA REFORMA

Com o aproximar do ano 2017, as confissões herdeiras da Reforma protestante do século XVI preparam-se para celebrar o 500.º aniversário do acontecimento, relembrando o momento em que Martinho Lutero expôs as suas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg. Não restam dúvidas que este momento do dia 31 de Outubro de 1517, para seguidores e detratores, marcou a história da Igreja cristã e da sociedade a nível mundial.

À Igreja Católica romana (ICR) foi enviado, ao mais alto nível, um convite de cortesia para estar presente em alguns dos atos desta celebração que terão lugar na Alemanha. Como resposta, ainda que indireta, publicada no sítio da Web da diocese de Münster, o cardeal Koch, presidente do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos (CPUC), disse: “Não podemos celebrar um pecado... Os acontecimentos que dividem a Igreja não podem ser chamados de dia de festa... A comemoração é uma data que se deve recordar, mas em nenhum caso celebrar!”

O responsável do CPUC reconhece que será chamado de “anti-ecuménico” e que “gostaria mais de assistir, em lugar da celebração da memória da Reforma protestante, a uma reunião na qual as confissões reformadas pedissem desculpa e reconhecessem os seus erros.” (in Religion Digital)

PARA O ALARGAMENTO DO RECONHECIMENTO MÚTUO DO BATISMO

A Conferência Episcopal Suíça (CES/ICR), reunida em sessão plenária, no ano passado, manifestou o desejo de estender o reconhecimento mútuo do batismo a todos os membros da Comunidade de Trabalho das Igrejas Cristãs na Suíça (CTEC).

Atualmente este reconhecimento diz apenas respeito aos católicos romanos, protestantes (reformados) e velho-católicos, segundo o acordo assinado em 1973 pela Federação das Igrejas Protestantes da Suíça, Conferência Episcopal Suíça e Igreja Católica Cristã (Velho-Católica).

Inspirados e interpelados por uma exortação da “Carta Ecuménica Europeia”, os bispos católicos gostariam que uma nova declaração integrasse todos os membros da CTEC que, além dos atuais signatários da declaração em vigor, inclui a Igreja Metodista, Igreja Luterana, Associação das Igrejas Baptistas, Igrejas Ortodoxas, Exército de Salvação e a Igreja Adventista (com o estatuto de observadora), (in APIC)

O BRASIL É CADA VEZ MENOS CATÓLICO

O catolicismo desceu no Brasil até os atuais 64,6% da população, devido principalmente ao aumento do número de cristãos evangélicos. Estes dados foram publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e foram tirados do censo de 2010.

Apesar desta descida o Brasil continua a ser o país com o maior número de católicos no mundo com os seus 123,2 milhões de fiéis num universo de 190 milhões de habitantes. O Estado com menor percentagem de católicos é o Rio de Janeiro (45,8%) onde terá lugar a Jornada Mundial da Juventude com a presença do Papa.

As Igrejas e comunidades evangélicas foram as que mais cresceram na última década passando de 15,4% em 2000 para os 22,2% da população em 2010, o que supõe cerca de 42,3 milhões de crentes.

Os que declararam não ter qualquer religião passaram de 4,7% para 8%, estando englobados neste grupo 615.096 que se afirmam ateus e 124.436 agnósticos. Cerca de 2% dos brasileiros professam o espiritismo e 0.3% é fiel aos credos de origem africana como o candomblé ou o umbanda, (RD/Efe)

oikoumene



REUNIÃO DO CMI NA CHINA

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI), através da sua Comissão das Igrejas para os Assuntos Internacionais, realizou um encontro ecuménico na China nas cidades de Shanghai e Nanjing, entre os dias 9 e 16 de Junho.

Os participantes foram acolhidos pelo Comité Nacional do “Movimento Patriótico Livre” das três Igrejas protestantes da China e pelo Conselho Cristão da China (CCC) que, com os seus 23 milhões de membros, é a organização ecuménica mais importante ligada ao CMI em todo o continente asiático.

Para o Secretário-geral do CMI, o Pastor Olav Tveit, esta foi a sua primeira visita à China após a sua eleição em 2010. A parte mais importante deste encontro teve lugar em Nandging, no sul do país, com um seminário sob o tema “Compreender a China” onde foram apresentados e debatidos os seguintes sub-temas: o desenvolvimento nos sistemas socialistas, a luta contra a pobreza, a crise ambiental, o panorama das religiões na China e uma apresentação da política religiosa chinesa. Por tudo o que aí se passou, este acontecimento constitui um marco histórico, pois foi a primeira vez, desde a fundação do CMI em 1948, que uma reunião ecuménica internacional teve lugar na China. (CMI)

CELEBRAÇÃO DE CASAMENTOS HOMOSSEXUAIS

A Igreja Luterana do Estado da Dinamarca é obrigada, por decisão do Parlamento dinamarquês, a celebrar casamentos entre casais homossexuais de acordo com uma nova lei que entrou em vigor no pretérito dia 15 de Junho.

Em 1989 tinha sido autorizada a união entre homossexuais, o que levou a Dinamarca a ser o

primeiro país do mundo a reconhecer tal direito e conceder tal autorização. Passados 20 anos, em 2009, essas uniões civis passaram a ter a possibilidade de receber uma bênção da Igreja quando solicitada. Agora, em 2012, com esta nova lei, é “reposta a igualdade” segundo as palavras da Senhora Manu Sareen, ministra dos Assuntos Eclesiásticos e que está na origem desta nova lei. Aos pastores e pastoras é dada a possibilidade de recusarem este tipo de celebração e passar a responsabilidade a um/a colega. (AP)



RELIGIÕES NOS JOGOS OLÍMPICOS

A organização dos Jogos Olímpicos (JO) de Londres, que decorreram no passado em agosto do ano passado, reservou espaços inter-religiosos de oração e silêncio para os 16 mil atletas de mais de 200 países, incluindo Portugal.

O centro interconfessional da aldeia olímpica incluiu mais de 50 clérigos cristãos, judeus, muçulmanos, budistas e hinduístas, entre outros, para “oferecer apoio, cuidado pastoral e ajuda espiritual”, bem como vários momentos de celebração e encontros de grupo.

Este espaço foi visitado por representantes das nove religiões que ofereceram a sua presença durante os JO 2012.

Além da presença no centro interconfessional, a organização londrina providenciou serviços de capelania para os seus mais de 200 mil membros e voluntários, bem como para 20 mil profissionais da comunicação, envolvendo “193 capelães das comunidades religiosas” locais.

Os JO 2012 foram preparados, a este nível, desde 2007, com um grupo de referência de várias religiões para promover o seu envolvimento neste evento desportivo. Durante a competição, os representantes religiosos puderam circular na aldeia olímpica com um identificação e um crachá próprio, com a palavra ‘Faith’ (fé) e os logos dos JO. (in Ecclesia)



Fome e vergonha

“Porque tive fome, e deste-me de comer;
tive sede, e deste-me de beber; era estrangeiro e hospedaste-me”

Mateus 25, 35

Normalmente, aos domingos a seguir ao culto, costumo almoçar com a minha família num pequeno restaurante no centro do Porto.

Trata-se de um pequeno restaurante num parque muito bucólico, com um pequeno lago e com muitos pequenos animais à solta.

Numa dessas vezes, o restaurante estava praticamente vazio e, quando estávamos a finalizar a nossa refeição, entrou um rapaz novo, mal vestido, a cheirar menos bem e com um saco com os seus poucos haveres. Sentou-se visivelmente desconfortável no restaurante.

Passados alguns minutos, pegou na carteira, começou a contar as moedas tendo, em poucos segundos, voltado a arrumar tudo, pondo-se a olhar para fora, através das janelas.

Quando nos levantámos, fui discretamente ter com ele perguntando-lhe se queria almoçar e que teria todo o gosto em convidá-lo. Ele respondeu, acenando negativamente com a cabeça.

Saí do restaurante e, quando estava a brincar com os meus filhos no exterior, o desconhecido veio ter comigo, agradeceu-me com a cabeça, cumprimentou-me com um forte aperto de mão e foi embora.

Pouco tempo depois, enquanto passeava com os meus filhos, senti-me desconfortável! Por que motivo não quis aquele rapaz que eu lhe pagasse o almoço? E, ao lembrar-me de Mateus 25, 35, ainda me senti pior.

O meu filho, ao sentir-me desconfortável, perguntou-me o que se passava comigo. Tentei explicar-lhe e ele respondeu-me: “Se calhar o senhor teve vergonha!”

Fiquei a pensar que talvez o meu filho tivesse razão. Um dos problemas da atual crise reside no facto de muitas pessoas terem dificuldades e, simultaneamente, terem vergonha de pedir ajuda. Trata-se de pessoas que nunca tiveram dificuldades de maior, mas que foram atingidas pela atual crise e têm sérios constrangimentos em lidar com esta nova situação, sentindo-se culpadas e com vergonha.

Não tenho uma resposta para este dilema! Só peço a Deus que abençoe os que têm fome e sede e, que nós, como Igreja e cristãos que somos, saibamos cumprir a nossa missão.

Jorge Felício

notícias

Retrospectiva das actividades mais significativas do ano de **2012**, levando em consideração o carácter abrangente das mesmas e a necessidade de um registo histórico.

Igreja Presbiteriana

Sínodo

No passado dia 14 de Julho realizou-se o 66º Sínodo Nacional da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, nas instalações da Comunidade presbiteriana da Cova Gala, este Sínodo teve como tema: "A sustentabilidade da Igreja". Durante o Sínodo o Pr. Robert Butterfield e a Prof. Drª Dulce Cabete foram os oradores de duas apresentações sobre este tema. Da parte da tarde foram eleitos os novos corpos gerentes: Mesa da Assembleia Geral: Presidente – Pr. João Manuel Pereira; Primeiro



secretário – Pr. Carlos Alberto Martins Rosa; Segunda secretária – Rosa Maria da Cruz Ângela. Comissão Executiva: Presidente – Silvina da Silva Fonseca Anadio de Queiroz; Vice-presidente – Prª Sandra Cristina Reis Oliveira; Secretária Geral – Dulce dos Santos Gaspar Cabete; Tesoureiro – Vítor Martins; Vogal – Pr. Robert Butterfield; Primeiro Suplente – Prª Maria Eduarda Martins de Sousa Castanheira Tiosse; Segundo suplente – Carlos Manuel Gomes de Matos. Conselho Fiscal: Presidente – Maria Albertina Nunes; Secretário – José Manuel Rocha Semedo; Relator – José Massingarrela Tiosse; Suplentes – João Ricardo da Cruz Jorge, Samuel Neto e Rui Carvalho.

Igreja Metodista

Sínodo

A Igreja Evangélica Metodista Portuguesa reuniu em Sínodo ordinário, nas instalações da igreja Metodista na cidade de Braga, entre os dias 20 e 22 de Abril. O tema do Sínodo, "Escolhei hoje a quem quereis servir" (Josué 24, 15), apresentado pelo orador, Rev. Emanuel Dinis, motivou a participação dos órgãos constitutivos da Igreja, e dos representantes de todas as suas comunidades. Este ano, e pela primeira vez, a condução do Sínodo foi partilhada entre o Bispo Sífredo Teixeira e a irmã Aida Aranha que foi eleita para fazer parte da Mesa do Sínodo juntamente com a irmã Ana Paula que secretariou.

A Igreja Metodista incluiu este Sínodo nas celebrações do centenário da igreja Metodista de Braga, dando graças a Deus pelo testemunho profícuo desta comunidade em prol do Evangelho.

Entre os diversos convidados que tomaram a palavra para saudar o Sínodo, destacamos a presença do Rev. Peter Clark, representante da Igreja Metodista da Grã-Bretanha, cujo ministério pastoral já passou por Portugal e pela Igreja Metodista na área do Porto.

O Sínodo, registou com satisfação e gratidão, a elevada qualidade do acolhimento e serviço prestados pela igreja local, pelo Centro Metodista João Wesley e pela Fundação Valdozende através do seu pólo em Braga, a "Arca de Noé".

A reunião do Conselho Presbiterial que antecedeu o Sínodo, contou com a presença da irmã Helena Vilaça, professora da cadeira de Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O tema do seu colóquio foi: "A Religião na Europa no século XXI - Desafios ao Protestantismo histórico".



Campos de Férias

Crianças e Adolescentes

O Campo Bíblico de Férias para Crianças e Adolescentes teve lugar entre os dias 2 e 7 de julho, nas instalações da igreja Metodista de Valdozende. Cerca de 40 campistas, contando com o grupo de monitores, foram convidados a um tempo de reflexão subordinado ao tema: Sinalizar o amor de Deus — através da obediência e do respeito, do saber perdoar, da generosidade, na escola, na família e na comunidade de fé.

Para além das atividades bíblicas foram muitos os momentos de convívio, atividades lúdicas e desportivas que, uma vez mais, permitiram fortalecer os laços de amizade entre os campistas e dar continuidade a um projeto de formação das gerações mais novas. No último dia, e no momento da festa que os campistas organizaram para os seus pais, os mais novos foram brindados com a presença de muitos irmãos e irmãs da igreja do Mirante.



Jovens

De 29 de Julho a 5 de Agosto, 42 jovens de Lisboa, Aveiro, Porto, Braga e Valdozende, juntaram-se em Valdozende para debater o tema “Que caminho queres escolher? – inseguro, perdido, desinteressado, revoltado”.

Como nos diz o livro de Eclesiastes, houve “Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e



tempo de dançar; tempo de espalhar pedras, e tempo de juntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora; tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar”; (Eclesiastes 3: 4-7) tempo de partilhar experiências, de conviver, de louvar, de orar, de debater, de estudar as escrituras; tempo de brincar, de jogar, de nadar, de cavalgar e de festejar.

Esteve a acompanhar o grupo, o Bispo Sifredo Teixeira e o convidado Eduardo Paegle que apresentou um dos temas do dia. A direção do DJMP contou ainda com o apoio do pregador leigo João Vilaça e das irmãs Aida Aranha e Helena Vilaça para a apresentação dos restantes temas.

Ao longo da semana, os jovens tiveram oportunidade de contactar e partilhar momentos com a congregação e a população de Valdozende, em passeios pela aldeia, no estudo bíblico, no culto dominical e ainda numa festa de encerramento preparada especialmente para as pessoas fantásticas que mais uma vez receberam o campo de férias de uma forma extremamente acolhedora.

Conferência da Igreja Metodista de Inglaterra

Mantendo a ligação histórica que existe entre a Igreja Metodista do Reino Unido e a Igreja Metodista de Portugal, anualmente chega-nos o convite para nos fazermos representar naquele que é o evento decisivo da Igreja Metodista do Reino Unido, a Conferência anual que é o seu órgão máximo. Este ano aconteceu em Plymouth, de 29 de Junho a 5 de Julho, e esteve presente o Bispo Sifredo Teixeira.

Foi uma oportunidade para encontrar vários amigos e amigas e para continuar a partilhar informações sobre a nossa presença e acção em Portugal. O Vice-Presidente que tomou posse logo no início dos trabalhos é um dos bons amigos da nossa Igreja de há muitos anos, o irmão Michael King. É bom lembrar que a Igreja Metodista do Reino Unido, para além de apoio a projectos específicos, tem contribuído anualmente com uma pequena verba para apoio às actividades da nossa Igreja.

Formação Pastoral

A convite da Igreja Metodista, esteve em Braga, nas instalações do Centro João Wesley, entre os dias 16 e 20 de Julho, a irmã Paula de Blanches, professora da Universidade Metodista de S. Paulo. Esta ocasião foi aproveitada para mais uma acção de formação para pastores, desta feita, na área da teologia prática.

Subordinados ao tema, “Aconselhamento Pastoral – Importância e Desafios”, pastores e diáconos das



Igrejas Metodista e Presbiteriana foram confrontados com toda a problemática associada a esta área da ação pastoral, não apenas através da reflexão mas também da participação em simulações de atendimento de casos.

Prevêem-se no futuro novas ações de formação através desta ligação entre a Igreja Metodista Portuguesa e a Universidade Metodista de São Paulo.

Conselho Europeu Metodista

No princípio de Agosto, de 4 a 8, teve lugar a reunião anual do Conselho Europeu Metodista, do qual somos membros fundadores. Estiveram presentes o Bispo Sifredo Teixeira e o Pastor Eduardo Conde, Secretário da Comissão Executiva. Este ano, o Concelho reuniu em Cracóvia, Polónia, onde estava previsto ter lugar o Festival Europeu Metodista que, por diversas razões, acabou por ser cancelado.



Dando cumprimento à agenda de trabalhos foi apresentado o relatório sobre a Igreja Metodista em Portugal, do qual são perceptíveis algumas alusões no "Methodist Recorder", Jornal Metodista de grande divulgação no Reino Unido e que chega também a vários países da Europa e do mundo.

No decorrer dos trabalhos o Concelho agradeceu o envolvimento do Bispo Sifredo Teixeira no Executivo, no qual participou durante 10 anos. Na sequência deste agradecimento foi indigitado para representar o Conselho na reunião do EMYC (Conselho Europeu Metodista da Juventude e das Crianças).

Marcado por um ambiente de franca comunhão e partilha mas também de alguma frustração, o Conselho viveu o seu melhor dia quando, a convite da Igreja Metodista local, visitou o complexo de Auschwitz. Experiência única para a qual houve a necessidade de um tempo de preparação e, no final, um tempo de reflexão e partilha de testemunhos.

Sínodo da Igreja Evangélica Metodista e Valdense

No final de Agosto, de 27 a 31, respondemos favoravelmente a um convite que nos foi endereçado para participarmos no Sínodo anual das Igrejas Metodista e Valdense na Itália em Torre Pellice, perto de Torino.

A Comissão Executiva achou conveniente estarmos presentes para, entre outras coisas, poder testemunhar o modo como as duas Igrejas mencionadas trabalham as suas questões. O Bispo Sifredo Teixeira teve oportunidade de entender melhor um modelo de ser Igreja a que já tínhamos dado atenção e que entre nós foi falado e divulgado. Nos trabalhos do Sínodo foi-lhe dada a oportunidade de falar aos 180 delegados presentes, tendo aproveitado para dar a conhecer um pouco da nossa realidade e expressar o desejo de cooperação mútua.



Campo de férias da Federação

Mais uma vez, como já vem sendo hábito, realizou-se o Campo de Férias da Terceira Idade, na semana de 9 a 15 de Setembro, nas instalações “Acampamentos Baptista” em Água de Madeiros, com a presença de 37 pessoas.

Foi uma semana ricamente abençoada e que contou com a presença da Pastora Eunice Alves na condução dos momentos de espiritualidade. Este ano, além da meditação da manhã e da noite, temos que salientar a reunião de oração que fazíamos após o almoço, intercedendo por irmãos e irmãs que se encontram doentes. Apesar desta reunião ser facultativa, teve bastante adesão.

Um dos pontos altos, foi o dia de quinta-feira, em que o grupo se deslocou às salinas de Rio Maior, tendo almoçado em Santarém, aproveitando para usufruir da bela paisagem que se avista das Portas do Sol.



Delegação do Norte da Geórgia

No passado mês de Outubro, entre os dias onze e dezasseis, estiveram em Portugal para uma visita à Igreja Metodista uma delegação da Conferência do Norte da Geórgia da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos da América, liderada pelo Rev. Mike Selleck e constituída por Pastores(a). No decorrer da estadia tiveram a oportunidade de visitar as igrejas de Valdozende, Braga, Lordelo, Monte Pedral, Mirante, Aveiro, Lisboa e Moita. Para além das comunidades locais citadas estiveram também nas Fundações de Valdozende e do CESDA. À chegada foi-lhes entregue um dossier sobre a Igreja Metodista Portuguesa. Para o futuro imediato fica a possibilidade de recebermos este ano a realização de um Seminário de Evangelização, organizado pelo World Methodist Evangelism Institute, e a participação na Conferência anual do Norte da Geórgia.



Assembleia Geral do EMYC

De 27 Setembro a 1 de Outubro, em Varna, Bulgária, teve lugar a Assembleia Geral do EMYC, Conselho Europeu Metodista da Juventude e das crianças. Estiveram presentes o Bispo Sífredo Teixeira e o jovem Afonso Vilaça representando, respectivamente, o Conselho Europeu Metodista e o Departamento da Juventude da Igreja Metodista Portuguesa.



Encontro Fraterno

Procurando dar continuidade ao desafio da conexionalidade entre as igrejas metodistas, a Comissão Executiva levou a efeito, no passado dia 27 de Outubro, nas instalações da igreja de Aguada de Cima, o Encontro Fraterno das Igrejas Metodistas.

O programa desenvolvido e apresentado pelo Pastor Carlos Bueno teve como lema: “Viver a Esperança” e nele participaram a maior parte das igrejas metodistas, estando presentes mais de cem pessoas.

Foi um dia marcado pela alegria do reencontro de irmãos e irmãs que raramente têm a oportunidade de estar juntos e que, desta forma, partilharam a fé, através de múltiplas e variadas atividades.



Circuitos do Porto e Braga

Mirante

Sr. Manuel Ferreira da Silva

Foi no dia 19 de Abril de 2012 que na Igreja do Mirante se realizaram as exéquias do nosso Irmão Sr. Manuel Ferreira da Silva, dirigidas pelo Bispo Sifredo Teixeira, e com a presença de todos os Pastores do Porto, um dos quais – Rev. José Manuel Cerqueira – teve a seu cargo a reflexão. Templo cheio, com muitos amigos, além dos familiares.



Este nosso Irmão foi a terceira geração de Metodistas na sua família, pois a primeira grande Metodista foi a sua avó Rosa, mãe do seu pai paterno, juntamente com a D. Carlota, sua mãe!

Ele sentia muito orgulho na sua avó Rosa (mais conhecida em todo o Porto como a “Rosinha das Iscas” da Lapa) e falava sempre dela como sendo uma grande Cristã Metodista, sempre pronta a tirar a fome de tanta gente que nessa altura passava muitas necessidades e, infelizmente era muito comum, uma vez que ela tinha a gestão de uma pequena “tasquinha” muito conhecida no Porto onde se faziam as famosas “Isclas de Bacalhau”!

O falecido era, de longa data, membro da Igreja, na qual durante mais de 40 anos ocupou diversos cargos. Foi membro da Junta local e da Comissão Executiva, Tesoureiro do Sínodo (no qual esteve muitas vezes como delegado), membro da Comissão Inter-Eclesiástica e mais tarde do COPIC. Era o sócio número 1 da Beneficência Evangélica do Porto. Era sócio da A.C.M. e colaborou na ECLOF e em diversas idas ao estrangeiro.

Participou de modo muito ativo no Centenário da Igreja Metodista, em 1971. Chegou a participar na política, em linha moderada. Manteve a Fé e a sua ligação à Igreja, sendo muito assíduo. Mesmo já doente, nunca esqueceu os seus donativos à Igreja. Na breve cerimónia no Cemitério de Agramonte oficiou também o Bispo Sifredo Teixeira. Aos atingidos por esta separação, invocamos o conforto divino. A família agradece a todos que estiveram presentes, ou que por mensagens manifestaram a sua simpatia.

Monte Pedral

Bodas de Ouro

Apenas com o intervalo de duas semanas, a Igreja do Monte Pedral teve o privilégio de render Graças a Deus por 2 casais que cumpriram as suas Bodas de Ouro. No dia 14 de Julho, Sábado, vieram à Igreja dar graças a Deus o casal Sr. António Silva e D. Joaquina Figueiredo, e no Sábado, dia 28 de Julho, o casal Sr. Joaquim Augusto Pinto Vieira e D. Maria José Barros e Sousa Costa Pinto Vieira. Esta nossa irmã é filha do saudoso pregador leigo Sr. João Miranda Costa e prima do Reverendo Jorge Barros. As Cerimónias, dirigidas pelo Pastor foram extremamente bem dispostas e com bom ambiente Cristão. A nossa Irmã D. Teresa Teixeira cantou um Hino em cada uma das celebrações, ajudando com o canto a elevar o espírito de Alegria com que todos já estavam na presença do Senhor. A ambos os casais desejamos a continuação das Bênçãos divinas assim como para as respectivas famílias.

Região Protestante do Centro

V Encontro de Mulheres da Região Centro

Sob o tema: Homossexualidade. Qual a posição Bíblica? Qual a Resposta da Igreja? realizou-se no dia 28 de Janeiro, na Igreja Metodista de Aveiro o V ENCONTROS DE MULHERES da Região Centro. As palestras estiveram a cargo da Dr.ª Dulce Cabete e do Pastor Robert Butterfield.

Assembleia Geral do RPC

No passado dia 15 de Abril, pelas 15h00 reuniu a Assembleia Geral da Região Protestante do Centro na igreja de Portomar. Nesta Assembleia foi eleita a nova direção: Presidente: Prª Mª Eduarda Titosse; Tesoureiro: Isabel Roça (Portomar); Secretário. Pr. Eduardo Conde; Vogais: Prª Ana Cristina Aço, Diácono Acácio Costa (Oliveira Azeméis); João Ricardo Jorge (Bebedouro) e Jorge Ladeiro (Alhadas). Foi ainda apresentado e votado o Plano de Atividades para o próximo ano.



Piquenique do RPC

Como já é tradição, no passado dia 30 de Junho realizou-se o piquenique da Região Centro na praia da Tocha. Sardinha, broa, música, gincanas bíblicas, jogos tradicionais e muita confraternização fizeram parte deste dia de comunhão.



Portomar

Inauguração do Templo

Em Agosto de 1930, regressa à sua terra natal de Portomar vindo do Brasil, José Maranhão Neves. Tendo partido com o intuito de granjear fortuna, voltou com 31 anos sem fortuna, mas com uma nova fé: o Protestantismo. Um ano depois já se realizavam na sua casa estudos bíblicos e cultos para os quais convidava vizinhos e amigos. Num tempo em que em Portugal não existia liberdade religiosa, José Maranhão Neves foi perseguido e chegou a ter a cabeça a prêmio, mas o seu testemunho e perseverança deu origem a uma comunidade protestante que cresceu e sobreviveu na pacata aldeia rural. Reunindo-se em casas alugadas ou em casas emprestadas esta comunidade foi ao longo dos anos juntando o dinheiro para a construção de um edifício próprio. 81 anos depois, no dia 20 de Novembro de 2011 inaugurou esta comunidade o seu templo com um culto de Ação de Graças que contou com a presença de vários pastores Metodista e Presbiterianos.

Avó Moça

Partiu para o Senhor no passado dia 18 fevereiro a irmã Maria Albina dos Santos. Na terra de Portomar onde nasceu e de onde nunca saiu, foi uma discípula fiel do seu Salvador. Toda a sua vida sonhou com um templo, e durante anos de trabalho, amealhou, incentivou e liderou um grupo de mulheres que pouco a pouco conseguiu uma quantia formidável para a sua construção. Viveu de forma modesta, porque o seu tesouro seria o templo que o Senhor ainda permitiu que ela visse. Feliz e dando graças a Deus, esta irmã deixou-nos como herança um espaço de celebração nesta aldeia onde todos a conheciam como protestante e como Avó Moça.



Profissões de Fé

No passado dia 20 de Maio fizeram a sua Profissão de Fé, cinco irmãs da igreja de Portomar. Estas irmãs sonharam sempre fazer a sua profissão de fé quando tivessem um templo e foi assim que M^a Célia Santos, M^a Celeste Santos, Lídia Camarneira, Eunice Madail e Lídia Santos cumpriram o seu desejo em celebração muito participada e alegre.

Bebedouro

M^a Rosa de Jesus

Partiu para o Senhor no passado dia 26 de Junho a irmã M^a Rosa de Jesus, uma das pioneiras da Igreja do Bebedouro. De riso franco e com uma fé inabalável, ela educou toda a sua família na fé que um dia abraçou. A comunidade do Bebedouro dá graças a Deus pelo testemunho e entrega desta irmã.



Batismo

Dia 9 de Janeiro foi dia de festa na igreja do Bebedouro, pois foi batizada a menina Madalena Paixão. Os pastores José Leite e Maria Eduarda Titosse invocaram a bênção de Deus para a vida desta criança e recordaram a todos que o batismo é um compromisso dos pais, padrinhos e de toda a comunidade para a educação cristã desta filha da promessa.



José Maria Simões Serafim (1930-2012)

Depois de um longo período de doença, faleceu no dia 3 de março passado e foi sepultado no dia seguinte, o dedicado pregador leigo presbiteriano da Zona Centro, Sr. José Maria Simões Serafim, nascido em 29 de janeiro de 1930.

Num livro que narra a história da comunidade do Bebedouro, é referido que foi o Pastor Mário Neves, já falecido, que, quando era pastor do Bebedouro e suas missões, pensou, em 1962, em José Maria para o cargo de evangelista (pregador leigo) na área, cargo que então ficara vago. O pastor impressionara-se com os profundos conhecimentos bíblicos do modesto agricultor da aldeia de Resgatados, que não fora além da 4^a classe da instrução primária, sem esquecer as matérias que aí aprendera. Por quarenta anos o "senhor Serafim", usando uma bicicleta ou uma motorizada, chovesse ou fizesse sol, desempenhou essa missão com incedível zelo, ganhando a amizade e admiração dos membros das várias congregações da área.

No seu funeral, dirigido pela Pastora Maria Eduarda Castanheira Titosse, um número elevado de irmãos e irmãs, assim como de vizinhos, prestou homenagem à memória deste homem que tinha uma fé radiante em Jesus Cristo e uma grande integridade de carácter. A convite da Pastora, proferiram testemunho o Pastor José Manuel Leite e o signatário desta nota, Pastor Manuel Pedro Cardoso, sublinhando o conhecimento profundo que o falecido tinha da Sagrada Escritura, e apontando-nos a lealdade com que o evangelista sempre usou para com os pastores da área.

Apresentamos as nossas condolências à família enlutada, em especial à dedicada filha do falecido, Leonor, e a ela e a todos lembramos uma palavra que iluminou seguramente a vida do querido irmão agora mais próximo do Trono: "Graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo" (I Cor.15,57).

Granja do Ulmeiro

Batismo

No passado dia 12 de Julho, celebrou-se o batizado de Samuel Rodrigues Gandarez, neto dos irmãos Esmeraldina e António Gandarez, membros desta comunidade presbiteriana.



Frossos

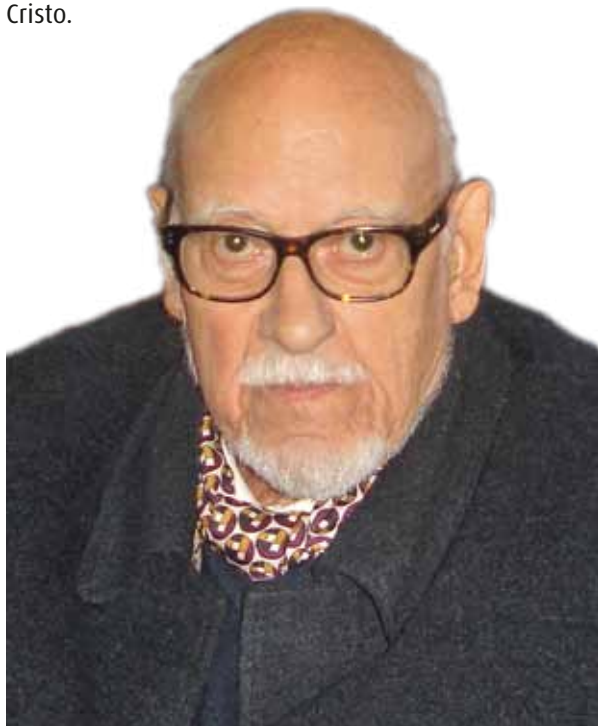
A missão de Frossos retomou em 2012 o seu trabalho depois de um longo período de inatividade. Esta iniciativa visa relançar a missão da Igreja Metodista naquela localidade, através de um Culto mensal (3º domingo) e da abertura das instalações a iniciativas que beneficiem a comunidade. Através da dedicação do irmão Tiago Paço já foi possível organizar uma exposição de pintura e diversas conferências de periodicidade mensal versando temáticas religiosas e de interesse formativo e cultural (“Deus e o Futebol”, “Será que há vida para além da morte?”, “Frossos entre a floresta e a Pateira”, “Mente sã corpo são”, “Crianças - como educar?”).



Aveiro

Arlindo Tavares

O dia 10 de Maio de 2012 ficará na história e na memória dos membros da igreja Metodista de Aveiro como o dia em que nos despedimos do irmão, Pregador Leigo, Arlindo dos Santos Tavares. Beirão, nascido a 17 de Setembro de 1918, na localidade de Aldeia das Ladeiras, cedo veio para a cidade de Aveiro onde constituiu família e descobriu o seu tesouro mais precioso, a salvação em Jesus Cristo.



Dada a sua destreza no uso da palavra, não lhe foi difícil dar início a um percurso de pregação do Evangelho, no qual, foi patente a profundidade das suas convicções. Consagrado Pregador Leigo, trabalhou na seara com afincamento tendo exposto a Palavra de Deus de muitos púlpitos, levando muitos e muitas a Cristo, fazendo da evangelização a sua vida.

No contexto da sua Igreja Metodista, que sempre estimou, ocupou as mais diversas funções tendo sido, por inúmeras vezes, delegado e membro do Sínodo.

A cerimónia fúnebre teve lugar na sua igreja em Aveiro, na presença de familiares, irmãos na fé e amigos e foi dirigida pelo Bispo da Igreja Metodista, Rev. Sifredo Teixeira e pelo Pastor local, Rev. Eduardo Conde. No decorrer da celebração tomou a palavra o Rev. Diamantino Lemos, genro e durante muitos anos seu pastor, lembrando o legado maior do irmão Arlindo Tavares, a sua fé em Cristo e a sua abnegada dedicação ao anúncio do Evangelho. Na sua vulnerabilidade que nunca escondeu, foi um homem de causas e de convicções, um exemplo do que Deus pode fazer nas nossas vidas, independentemente da nossa fragilidade.

A igreja Metodista em Aveiro lembra com saudade este irmão, sentimento partilhado pela equipa redatorial do Portugal Evangélico.

Profissão de Fé

No passado dia 7 de Outubro, a jovem Ana Sofia Calado de Almeida fez a sua Profissão de Fé na presença da comunidade local e de diversos amigos convidados para a celebração.

No momento próprio, e depois de ter dado o seu testemunho pessoal e confirmado o Pacto Batismal, foi acolhida como membro da Igreja Metodista pelo Pastor Eduardo Conde e pelo Diácono Carlos Sousa. No decorrer da celebração, a igreja reunida em louvor teve a oportunidade de escutar belíssimos cânticos entoados pela jovem Ana Sofia e suas amigas, testemunhando a presença dos dons que Deus tem vindo a conceder à Sua Igreja.

A igreja Metodista em Aveiro alegra-se diante de Deus e deseja à jovem Ana Sofia a Sua bênção no exercício do seu ministério.



Região Protestante do Sul

RPS elege novo Conselho

No dia 9 de junho de 2012, a Região Protestante do Sul (RPS), que acolhe comunidades metodistas e presbiterianas entre Moura e Abrantes, reuniu em Assembleia-Geral para eleger novo Conselho e nova Mesa da Assembleia. Assim sendo, a única lista a votação, aprovada por maioria, é composta por Alexandra de Matos, Presidente, Hélia Aragão, Secretária, Carlos de Matos, Tesoureiro, e como vogais os irmãos Adriano Santos, José Chorão e Luís Carvalho. Para a Mesa da Assembleia foram eleitos o pastor João Pereira (Presidente), Sónia Jorge Valente (1ª Secretária) e a pastora Miriam Lopes (2ª Secretária). A direção do conselho apresentou um programa de trabalho para os próximos dois anos com o objetivo de aproximar mais as comunidades da região sul, umas das outras e da sociedade que as envolve. As 14 comunidades que compõem a RPS estiveram devidamente representadas pelos seus delegados e a reunião serviu, ainda, para recordar momentos do último ano, visualizando fotografias das atividades desenvolvidas pelas comunidades.



Igreja Presbiteriana de Setúbal em novas instalações

A Igreja Presbiteriana de Setúbal está, desde Julho de 2011, a reunir-se numa nova morada. A Rua dos Pinheirinhos, nº 6 – r/c Dto. é, agora, o novo local de culto dos presbiterianos de Setúbal.

Muitos não o saberão ainda mas, depois de 25 anos na Rua Camilo Castelo Branco, onde esteve sediada desde a sua fundação, a Igreja Evangélica Presbiteriana de Setúbal viu-se confrontada com a degradação das instalações (arrendadas) que utilizava: entrada de água, bolor e vigas do telhado a apodrecer eram apenas alguns dos problemas existentes, que o senhorio disse não poder resolver e que levaram a comunidade a relançar-se na angariação de fundos para a remodelação, faseada, das instalações no centro da cidade, pertencentes à IEPP. O processo, no entanto, é demorado, e esta pequena igreja foi obrigada, por razões de segurança e de saúde, a procurar um local provisório onde

pudesse louvar a Deus e continuar a sua atividade. “Apesar de não ser ainda o local desejado (trata-se do rés-do-chão de um prédio, pelo que existem algumas limitações), esta comunidade continua o seu caminho com fé e alegria e está de portas, de braços e de corações abertos para receber todos os que a desejarem visitar.” – referiu a Pastora Rute Salvador.

IGREJA EVANGÉLICA LISBONENSE

Mês de Maio dedicado à evangelização

Pelo segundo ano consecutivo a IEL organizou o Mês de Evangelização. Este ano, no mês de Maio, e com o tema “Vocês são a luz do mundo” (Mateus 5:14). A iniciativa ficou marcada pelos vários pregadores convidados que vieram até a esta comunidade presbiteriana trazer estudos bíblicos e pregações. Mas este ano fomos mais longe com campanhas de rua e brindes. Evangelizar é uma missão do Cristão e está claro que não podemos continuar a evangelizar só quem entra no nosso templo, mas acima de tudo aqueles que ainda não



Grupo de Jovens da IEL com músicos do Projeto Essência



Pregadores da Festa: p. Luís de Matos (Igreja Presbiteriana), p. Paulo Branco (Assembleia de Deus), p. Timóteo Cavaco (Igreja Baptista)

conhecem Jesus Cristo. Foi esta urgência que motivou o Grupo de Evangelização constituído pelos irmãos Alexandra de Matos, Carlos Pereira, David Valente, Doris Pereira e Pastor Luís de Matos que planeou todo o mês e organizou cada atividade.

É importante dizer que esta campanha de evangelização se alastrou às redes sociais e através do facebook foi criada uma página que permitiu o contacto com irmãos e irmãs de outros países, principalmente do Brasil. Esta troca de experiências permitiu que o Corpo de Cristo se unisse numa mesma missão, num só Espírito, e sabemos que os irmãos que nos acompanharam em oração,

continuam a orar por esta comunidade cristã, no centro da cidade de Lisboa.

«Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos. Batizem-nos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo quanto eu tenho mandado. E saibam que estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.» (Mateus 28:19-20).

114º Aniversário da Igreja Evangélica Lisbonense

Como vem sendo tradição, a IEL celebrou no último domingo do mês de Junho o seu aniversário. O 114º aniversário foi celebrado com um dia de atividade comunitária. Começou com o culto de ação de graças pela manhã, no qual foi pregadora convidada a pastora Eunice Alves, da Igreja Evangélica Metodista de Braga, e onde foram recebidos quatro novos membros na Igreja, as irmãs Isabel Silva e Alda Siteo

e os irmãos Paulo Silva e Eduardo Moiola. Seguiu-se o almoço comunitário da responsabilidade do Grupo de Serviço Comunitário, o concerto do Grupo Gospel de Lisboa e o lanche com o usual bolo de aniversário. Ao longo deste dia tivemos o privilégio de contar com uma média constante de 100 pessoas nas nossas instalações, razão pela qual damos graças a Deus.



Novos membros da IEL. Irmãos: Alda Siteo, Paulo Silva, Isabel Silva, Eduardo Moiola.



Concerto do Grupo Gospel de Lisboa

Programas RTP e RDP do COPIC 2013

EMISSÃO		PROGRAMA	ENTIDADE	EMISSÃO		PROGRAMA	ENTIDADE
07-Mar-13	5ª	Fé dos Homens	IEMP	01-Ago-13	5ª	Fé dos Homens	IEMP
24-Mar-13	Dom	Caminhos	COPIC	22-Ago-13	5ª	Fé dos Homens	ILCAE
27-Mar-13	4ª	Fé dos Homens	ILCAE	22-Set-13	Dom	Caminhos	COPIC
14-Abr-13	Dom	Caminhos	COPIC	26-Set-13	5ª	Fé dos Homens	IEPP
11-Abr-13	5ª	Fé dos Homens	IEPP	10-Out-13	5ª	Fé dos Homens	IEMP
25-Abr-13	5ª	Fé dos Homens	IEMP	24-Out-13	5ª	Fé dos Homens	ILCAE
02-Mai-13	5ª	Fé dos Homens	ILCAE	07-Nov-13	5ª	Fé dos Homens	IEPP
23-Mai-13	5ª	Fé dos Homens	IEPP	21-Nov-13	5ª	Fé dos Homens	IEMP
09-Jun-13	Dom	Caminhos	COPIC	24-Nov-13	Dom	Caminhos	COPIC
13-Jun-13	5ª	Fé dos Homens	IEMP	05-Dez-13	5ª	Fé dos Homens	ILCAE
04-Jul-13	5ª	Fé dos Homens	ILCAE	22-Dez-13	Dom	Caminhos	COPIC
11-Jul-13	5ª	Fé dos Homens	IEPP				

Televisão - RTP 2

Fé dos Homens | 2ª a 6ª pelas 18h00
Caminhos | Domingos pelas 11h00

Rádio - Antena 1

Fé dos Homens | 2ª a 6ª pelas 22h47
 | Domingos pelas 06h07